

# Entreatos e os projetos de documentário de João Moreira Salles e Lula

por Paulo Alcoforado

Partindo de cumplicidade sem precedentes com um candidato a Presidente da República – o suficiente para inscrevê-lo entre os documentários brasileiros obrigatórios – *Entreatos*, de João Moreira Salles, chama a atenção pela adoção de um método que converte uma campanha eleitoral em objeto a ser reconstruído no corpo do filme, dando visibilidade ao projeto de poder que a motiva.

Com efeito, condicionar a captação de sons e imagens ao momento mesmo da negociação de acesso da equipe de filmagem aos ambientes onde se dão os trabalhos de coordenação de uma campanha eleitoral é um método que explicita a necessidade de todo documentário de adequar sua estratégia de abordagem à dinâmica social eleita. O que equivale dizer que aqui não caberia entrevistar personagens reais da coordenação da campanha eleitoral isolando-os de seu contexto, pois seus depoimentos logo seriam convertidos em comentários agenciados por essa condição de isolamento.

Se é verdade que o resultado da eleição acabou dando certo sentido ao documentário, uma eventual derrota eleitoral do Partido dos Trabalhadores não colocaria em xeque a hipótese lançada pelo documentarista, a saber: o projeto de poder da esquerda trabalhista brasileira estaria sendo colocado à prova durante essa campanha à Presidência, pela afirmação de sua maior liderança, Luis Inácio Lula da Silva, de que não mais disputaria uma nova eleição, na eventualidade de uma derrota.

A opção pelos entreatos, em detrimento dos momentos de performance típicos à campanhas eleitorais, converte Duda Mendonça no mais notável coadjuvante, por caber-lhe enquanto coordenador de marketing, a leitura da realidade e sua substituição por um esquema que a represente, resultando num *gauche* do documentário. Valeria o mesmo em relação a

João Salles, caso fossem dados a ver registros da captação do documentário no programa político eleitoral petista.

O entreato do documentário *ABC da Greve*, de Leon Hirszman, ressaltado no também documentário *Peões*, de Eduardo Coutinho, como contraponto às entrevistas com anônimos participantes ativos do movimento operário no ABC paulista, desafia na cultura audiovisual do espectador os *Entreatos* de João Salles.

Aquele Lula pensativo, algo inseguro, preparando-se para um discurso que se tornaria histórico para os rumos do movimento operário no ABC paulista, de respiração denunciada pelo ritmo das tragadas num cigarro, só expressão corporal, opõe-se este Lula seguro de si, maestro dos ânimos, narrador no sentido primeiro, transmitindo aos seus a experiência vivida, indissociável da palavra.

Há em *Entreatos* uma promessa que nunca chega a se realizar. Ela é feita nas seqüências iniciais quando a câmera força a entrada em ambientes onde se trava o debate sobre as repercussões e estratégias da campanha. Invariavelmente o debate é interrompido e a câmera obrigada a retirar-se. Numa delas o então Presidente do PT José Dirceu, numa sala onde se reúne o núcleo da campanha (e da primeira metade do Governo Lula), reage à presença da câmera de Walter Carvalho e ao aval dado à equipe de filmagem pelo assessor Gilberto Carvalho: “Tem ingênuo na equipe”.

Realizado num processo naturalmente contraditório e conflituoso, típico a uma campanha presidencial, *Entreatos* quis dessas seqüências uma apresentação de seu método de negociação de acesso da equipe de filmagem a cada novo espaço, repetindo ambiente masculino e sempre escudada pelo “provedor” Gilberto Carvalho. As maiores revelações promovidas pelo documentário, dadas pelos limites do que

poderia ser compartilhado, resultam justamente dessa alteração da realidade pela câmera.

Colocado o método, porém, a câmera vai sofrendo uma gradativa mudança de comportamento ao longo do filme, de forma a tender a ambientes onde sua presença é tolerada sem maiores constrangimentos, perdendo o contato com a coordenação da campanha e tendendo à “proposta” do candidato, convertendo-se em um seu outro esforço de projeção, agora à condição de personagem histórico.

Essa virada determina a modificação do objeto do documentário, pois onde antes havia a dinâmica social dos trabalhos de coordenação da campanha passa a haver então o candidato.

O novo objeto do documentário é Lula: ex- retirante nordestino, ex-engraxate, ex-metalúrgico e liderança do movimento operário no ABC paulista, então candidato a Presidente da República pela quarta vez. Sua compreensão dos distintos processos vividos simultaneamente com João Salles/Walter Carvalho e Duda Mendonça, seus distintos projetos em relação a ambos, e seu enorme carisma promovem o verdadeiro desafio ao esforço do documentário e à sua compreensão pelo espectador.

Luis Inácio Lula da Silva atravessa o período de captação de sons e imagens reconstruindo-se para “duas câmeras”, a do coordenador de marketing da campanha e a do documentarista, projeções simultâneas das personagens do governante e do estadista, respectivamente.

O Lula de *Entreatos* é sempre aquele que está cercado por “admiradores”, sejam eles integrantes do núcleo duro do PT, seja ele a câmera de Walter Carvalho, sejam eles os espectadores. Novamente, a exceção é Duda Mendonça que, destoando do coro sem ameaçá-lo, provoca um efeito cômico já de menor intensidade, até que sua presença é finalmente assimilada à paisagem do filme à medida que o programa político e o documentário passam a transcorrer no mesmo regime da performance. É como se o coordenador de marketing dessa campanha deixasse de ser um ruído à fluência do discurso do documentário - condição para o cômico - porque foi mimetizado pelo próprio discurso do documentário, determinando portanto que o ruído se tornasse a regra e “perdesse a graça”, finalmente.

Lula leva seu projeto a cabo reservando para a câmera dosagens de consciência crítica em cada piada, manifestação de cansaço, intervenção sobre comentários de companheiros, análise de momentos históricos, lembrança etc. E as escolhas da montagem do documentário justapõem cada um desses momentos de tal forma sugerindo uma campanha presidencial como um processo sempre produtivo e harmônico.

É admirável que Lula tenha assumido o risco da relação com um documentarista expondo-se dessa forma, entre as votações do primeiro e o segundo turnos, num produto audiovisual cujo modelo de produção fugisse a seu controle, e não menos admirável é o uso que fez desse espaço que conquistou para a sua performance.

Não é muito produtivo lamentar a falta de insistência nas reuniões de coordenação da campanha ou na aposta em outro personagem real, como Gilberto Carvalho ou Duda Mendonça, naturalmente destacados pelo método inicial de *Entreatos*. Mas é importante verificar que a modificação do objeto do documentário implicou o afastamento das reuniões de coordenação da campanha e personalizou o projeto de poder da esquerda trabalhista brasileira a ponto de inviabilizar sua revelação.

Há algo mais importante nesse filme que a cumplicidade conquistada com a equipe de coordenação dessa campanha presidencial, mais importante que os momentos com aquele que viria a se tornar o atual Presidente da República Federativa do Brasil. *Entreatos* reproduz exemplarmente através das virtudes possíveis toda a ambição do documentário brasileiro de hoje.

Há um ano atrás, durante um seminário sobre fotografia no cinema, Walter Carvalho quis trazer à tona o processo de captação de *Entreatos*, e o fez revelando sua imensa admiração por Lula. Respondendo a questão formulada pelo auditório sobre se não temia se apaixonar pelo personagem real de seu documentário, a ponto de realizar o filme nesse estado de ânimo, impedindo assim que o espectador pudesse tomar contato com os elementos deflagradores dessa mesma paixão, o mais celebrado diretor de fotografia do cinema brasileiro na atualidade afirmou que a paixão está sempre presente em seus trabalhos.



Entreatos

Citou um seu outro trabalho sobre futebol, no qual sua paixão o teria feito invadir o gramado onde se travava a final do campeonato brasileiro quando Nunes, centroavante do Flamengo, no último minuto do jogo, sem ângulo, dribla um zagueiro e tira do goleiro, determinando a vitória por 3 X 2 sobre o Atlético Mineiro e o primeiro de seus cinco títulos brasileiros.

Nesse momento, relata ainda Walter Carvalho, confesso botafoguense, ele invadiu o campo e, antes de ser arrancado de lá pelos seguranças, fez o registro da comemoração a um metro do artilheiro, a seqüência final do filme. Consultado sobre o título do filme, respondeu: *Flamengo Paixão*, de David Neves (1980).